

SAMWAAD – RUA DO ENCONTRO: MEDIAÇÃO SEMIÓTICA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO NA AULA DE ARTE

DOI:10.5965/19843178912014056

<http://dx.doi.org/10.5965/19843178912014056>

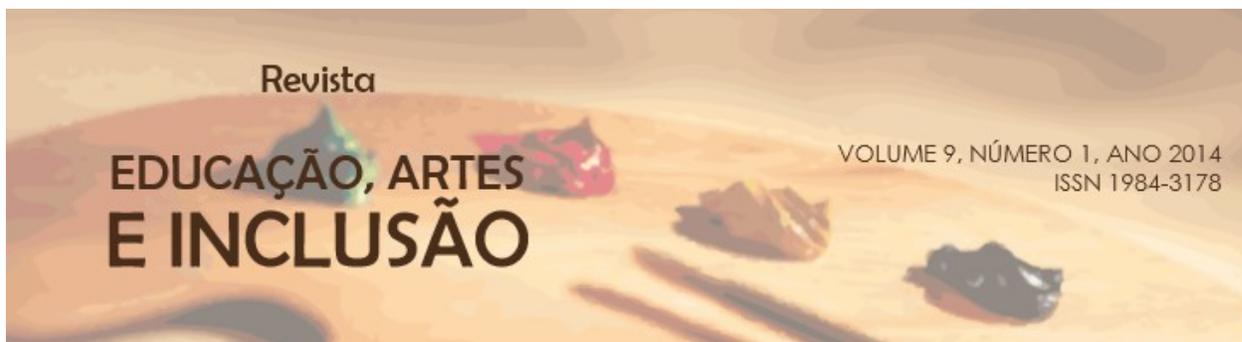
Laudo Rodrigues Sobrinho¹

RESUMO

O presente estudo pretende ampliar a compreensão sobre a mediação semiótica realizada pelo professor de arte em sala de aula, com alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Pedro Bento Alves, de Arandú/SP, sendo que para atingir esse objetivo foram investigadas as relações dialógicas no processo de interação aluno/professor/aluno através do espetáculo de dança “Samwaad: Rua do Encontro”. Esta pesquisa está fundamentada nas contribuições de Lev Semionovich Vygotsky, que entende o ser humano enquanto ser constituído eminentemente nas relações sociais, e nos ensinamentos de Bakhtin, cujo trabalho tem como foco a enunciação e os sentidos produzidos. Nas análises dos episódios estão presentes descrições das condições de produção de sentidos dos encontros e das nossas falas, bem como os processos, a dinâmica e as relações que, momento a momento, orientaram nosso olhar e a construção dos sentidos que fomos atribuindo às nossas ações e palavras.

Palavras-chave: Arte-educação, Bakhtin, Linguagem Artística, Mediação Semiótica, Vygotsky

¹ Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, Brasil(2003)
Professor da Fundação Educacional Regional de Avaré , Brasil



ABSTRACT

This study aims to broaden the understanding of the semiotic mediation conducted in the classroom, by the art teacher, with students of the third year of high school at the State School Pedro Bento Alves in Arandú/SP, and to achieve this goal we investigated the dialogical relations in the interaction student / teacher / student through the dance show "Samwaad: Rua do Encontro". This research is based on the contributions of Lev Semionovich Vygotsky, who understands that human being is eminently constituted in social relations, and the ideas of Bakhtin, whose work focuses on the enunciation and the meanings produced. The analysis shows descriptions of the production conditions of our meetings and speeches, as well as the processes, dynamics and relationships that, moment by moment, guided our view and the meaning construction that we attributed to our actions and words.

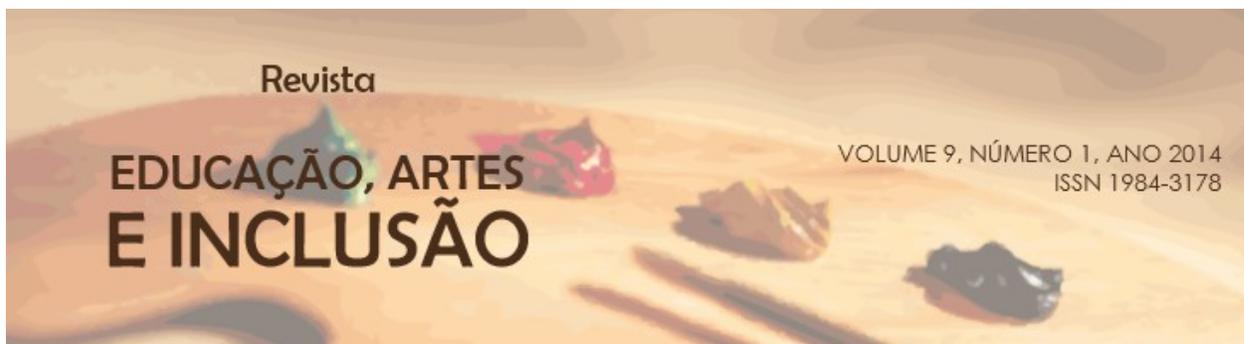
Keywords: Art Education, Artistic Language, Semiotic Mediation

INTRODUÇÃO

O estudo em referência, pretende ampliar a compreensão sobre a mediação semiótica realizada pelo professor de arte em sala de aula, com alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Pedro Bento Alves, de Arandú/SP, sendo que para esse objetivo foram investigadas as relações dialógicas no processo de interação aluno/professor/aluno através do espetáculo de dança "Samwaad: Rua do Encontro".

Após o contato dos alunos com o espetáculo de dança Samwaad, percebi que, ao se sensibilizarem com as histórias de vida de seus integrantes, estes alunos, mesmo que de forma ainda embrionária e não muito clara, começaram a expor, através dos turnos dialógicos

57



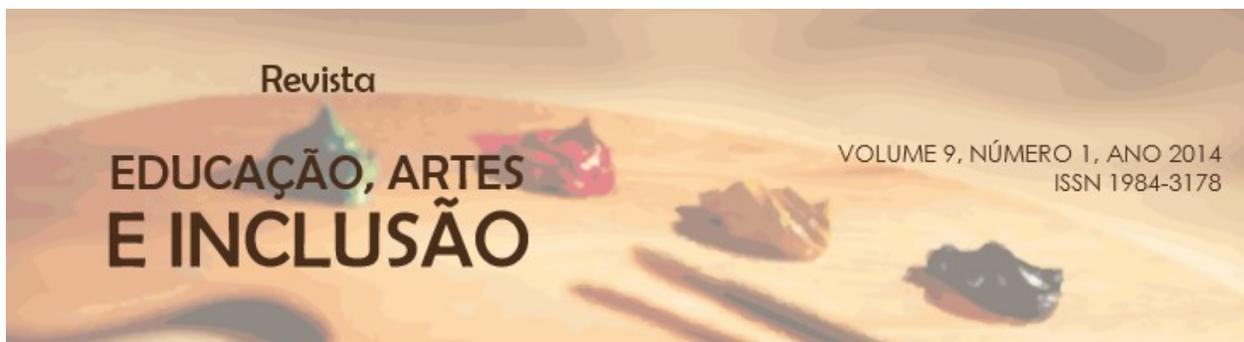
selecionados pelo pesquisador, a manifestação de suas percepções sobre o espetáculo enfatizando a superação das adversidades, das difíceis condições concretas de vida enfrentadas pelos bailarinos. Isto é, passaram a contextualizar e relacionar com suas vidas o espetáculo e a reportagem exibida em rede nacional por uma importante emissora de televisão. Sendo que o desenvolvimento dos trabalhos e as estratégias didáticas elaboradas tiveram a intenção de demonstrar como os sujeitos se expressam de forma verbal sobre uma obra de arte, mais especificamente sobre um espetáculo de dança.

Na análise realizada, acabei por entender mais e melhor como estes adolescentes revelam e ocultam em suas falas suas percepções e seus meios de significarem, criando e recriando sentidos dentro da complexa teia de significação que a obra de arte possibilita.

Motivado por essa percepção, passei a refletir sobre a possibilidade de um estudo mais aprofundado sobre a mediação que realizo enquanto professor de arte, considerando o impacto e a sensibilização que uma obra pode proporcionar. Minha área de trabalho é a arte-educação e muitas das minhas indagações e desejos de inverter a situação dos meninos e meninas que estão à parte de muitos dos bens culturais estão carregados do sentido que a linguagem, a arte, a educação e a cultura têm para mim.

RUMO AO NORTE – Apropriações das referências

A arte e a linguagem não são apenas um refletir sobre a realidade – são também uma forma de reconstruí-la permanentemente, sendo que não são inodoras, insípidas e transparentes como substâncias que não deixam marcas. São ao mesmo tempo constituidoras



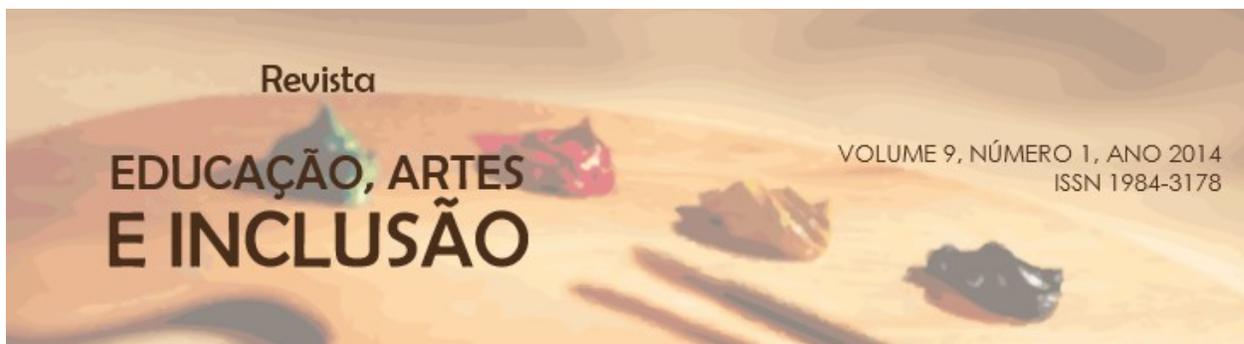
e constituintes no ato de sua realização; refazendo relações, confirmando a ideia de que novos sentidos estão sendo criados incessantemente. Sendo assim, Mikhail Bakhtin, esclarece que:

Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. (BAKHTIN, 2000, p. 414)

Adoto a concepção de que a arte é cultura, portanto, produção humana articulada e indissociável do contexto onde ela é criada, produzida, admirada, interpretada e contestada; concordando com a definição de cultura como o “conjunto dos resultados da ação do humano sobre o mundo por intermédio do trabalho” (CORTELLA, 1998, p.41). Portanto, elaboração artística é reprodução e produção cultural, marcada no tempo e no espaço, prenhe de sentidos reveladores e ainda por serem revelados. E o produtor de arte está marcado pelo seu tempo, pelas relações concretas de vida social e histórica.

Nas mais diferentes épocas, o homem foi construindo historicamente sua visão de mundo e sua forma de relacionar-se socialmente. A arte como produção humana tem história, constrói história e não se esgota num só sentido ou numa só função, traz marcas de contexto histórico, social e político; traz a marca de quem a produz (BUENO, 2002).

Ernest Fischer, em sua obra “A necessidade da arte”, esclarece que a arte reflete uma condição humana de intercâmbio, de circulação de experiências e ideias. Coerente com sua matriz marxista, lembra que Marx reconheceu que “toda arte é condicionada pelo seu tempo e



representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular” (FISCHER, 1987, p.17).

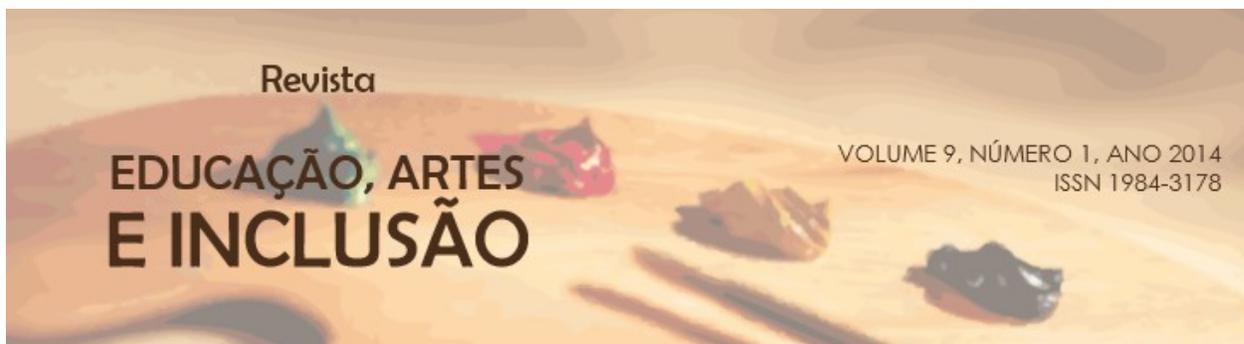
Sendo a arte uma forma de produção humana, ela também participa da formação da consciência do papel que desempenhamos na sociedade e, assim, para poder compreendê-la e transformá-la, é necessário aprender sobre e apreender as manifestações artísticas, com elas e por meio delas.

Como nos lembra Bueno (2002) na introdução de seu trabalho “A arte na diferença”:
“A arte também deve estar preocupada com as questões que envolvem a expressão pessoal de valores, sentimentos, relações interpessoais, cognição e significações, visto que envolvem subjetividade, já que somos seres de linguagem” (p.2). Por conseguinte, a arte é expressão, é manipulação dos objetos materiais; é linguagem – instrumento e signo.

Vygotsky dá importância fundamental à mediação semiótica – por meio dos signos – para o desenvolvimento cultural, tomando a cultura como “um produto ao mesmo tempo da vida social e da atividade social do homem” (VYGOTSKY apud PINO, 2000, p.54).

Portanto, é central na obra de Vygotsky (1995) os estudos sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores – a linguagem, a escrita, o cálculo, a memória, o desenho, a lógica, a formação de conceitos, as produções artísticas – complexas formas culturais. Não emergem das funções biológicas, mas sua natureza é social.

Em sua obra “Psicologia Pedagógica”, o mesmo autor escreve sobre a educação estética. Seu enfoque sobre esse tema nos permite conhecer, mesmo que ainda de forma incompleta, seu pensamento. Diz ele: “Assim, a arte não é uma complementação da vida, mas decorre daquilo que no homem é superior à vida” (VYGOTSKY, 2001, p. 340).

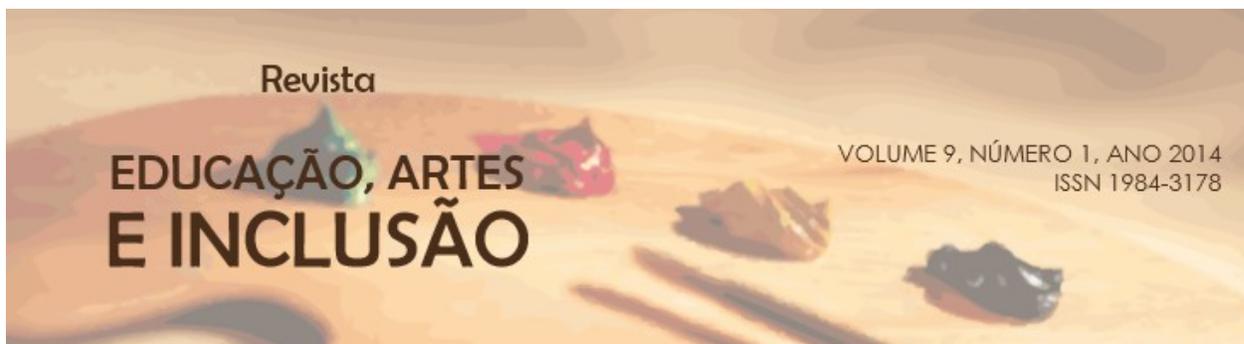


Uma obra de arte vivenciada amplia a nossa visão, ou seja, leva-nos a ver o mundo com outros olhos, a generalizar e unificar fatos que, via de regra, estão dispersos. “É que, como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, *nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento*” (VYGOTSKY, 2001, p. 342 - grifos meus).

Educação e desenvolvimento humano, portanto, são inseparáveis, pois é ao incorporar os componentes da cultura e de seu meio social que cada homem constitui a si mesmo. Pela mediação semiótica no contexto educativo, na escola e nas relações com a sociedade, o homem se apropria das produções culturais (materiais e intelectuais). Tal apropriação é mediada pelos outros: os adultos para a criança; o professor para seus alunos; os pais para seus filhos; os mais experientes para os aprendizes menos experientes. Por exemplo: nos grupos sociais, nas instituições, nos encontros face a face, nas vozes que permeiam as relações, no encontro com textos, nas palavras próprias e alheias, nos silêncios, nos gestos, nas expressões artísticas.

PASSOS DADOS - Opção Metodológica

Em meados de abril de 2012 iniciei os trabalhos com os alunos, sujeitos deste texto, enquanto realizava a busca pela fundamentação teórica. Logo após, de posse das transcrições e as devidas seleções que fiz, procurei a coordenação pedagógica na intenção de ouvir suas argumentações, bem como sua aprovação.



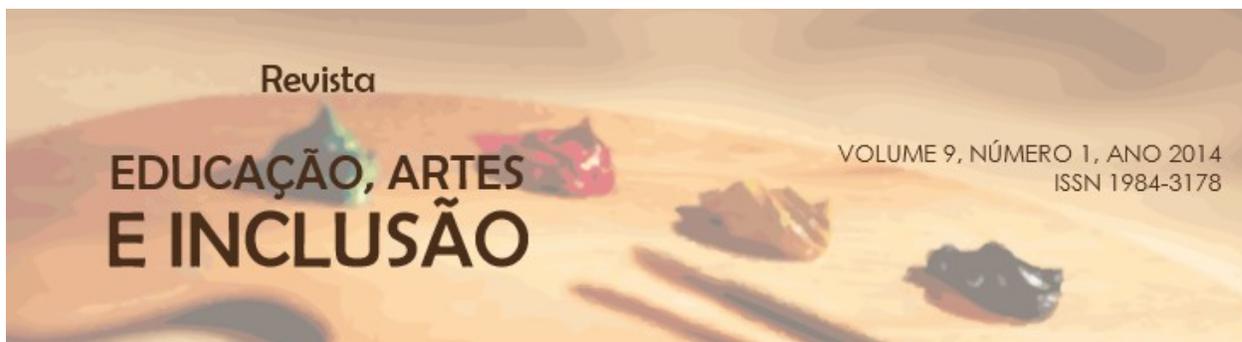
Considerados alguns pontos, após demasiada discussão, houve o aval final com sua aprovação. No início de maio dei continuidade ao trabalho de campo, paralelamente com o aprofundamento das referências anteriormente buscadas.

O planejamento das atividades seguiu o critério de estarmos expostos à linguagem artística da dança, através de sua gravação de vídeo, para apreciação e sobre ela discutirmos os aspectos que os alunos julgarem relevantes. Havia a intenção explícita de que nossas ações pudessem nos propiciar momentos de reflexão e expressão dos desejos.

Os instrumentos de trabalho foram conseguidos, parte por mim, como é o caso do documentário que foi tema de um dos encontros do REDEFORⁱ nas DEsⁱⁱ, e parte pelo acervo da escola, como é o caso do DVD do espetáculo.

Este trabalho pode ser considerado uma pesquisa social que, segundo Minayo (2000, p.20), “[...] é penetrar num mundo polêmico onde há questões não resolvidas e onde o debate tem sido perene e não conclusivo”. A investigação nas Ciências Sociais se dá com seres humanos, “[...] embora sejam muito diferentes por razões culturais, de classe, de faixa etária ou por qualquer outro motivo” (MINAYO, 2000, p.21). Ainda, é intrinsecamente ideológica – comprometida – e veicula interesses e visões de mundo construídos historicamente.

Tal pesquisa não é neutra, pois norteada pelo arcabouço teórico que “[...] informa a escolha do objeto” (MINAYO, 2000, p.37) – no meu caso, a perspectiva histórico-cultural de Lev Semionovich Vygotsky - para quem a constituição do sujeito é social e suas ações são mediadas pelos signos - e as contribuições fundamentais de Mikhail Bakhtin sobre a linguagem, o sujeito, a dialogia, as relações entre o sujeito e a sociedade.



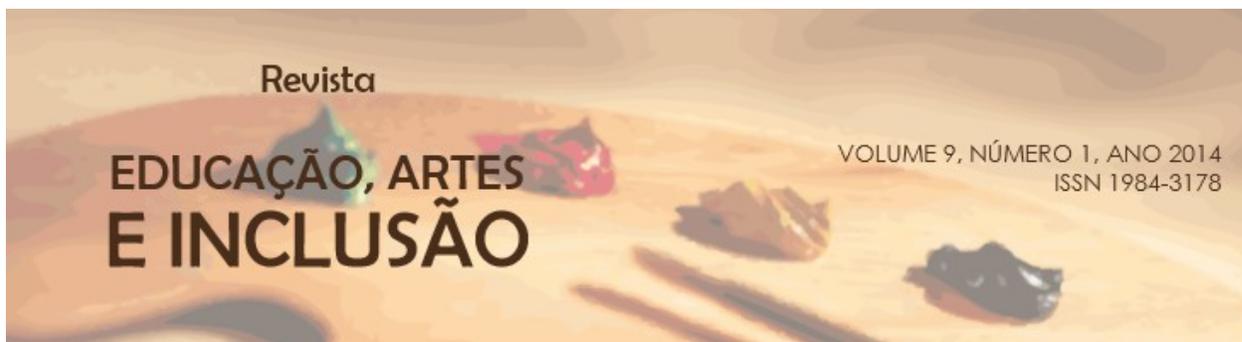
A pesquisa social é essencialmente qualitativa. Segundo Minayo “[...] qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto: o aspecto qualitativo” (2000, p.22). O sujeito está inserido em uma determinada condição concreta na sociedade, pertence a grupos sociais e vive de acordo com seus valores e modos de significar a vida. O conjunto de técnicas é apenas um instrumental porque a abordagem teórica e metodológica caminham juntas, contando com o papel importante da experiência do pesquisador.

Segundo as autoras Lüdke e André,

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber a qual ele se compromete a construir naquele momento (1986, p. 01-02).

E ainda explicitam, quanto à pesquisa qualitativa, que o instrumento principal para a coleta de dados, em uma pesquisa dessa natureza é o próprio pesquisador, que está em contato direto na situação pesquisada.

Como assumo a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, captando as contribuições teórico-metodológicas de Lev Semionovich Vygotsky e sua matriz marxista, bem como as concepções de Mikhail Bakhtin que faz uma análise também marxista no domínio da filosofia da linguagem, é necessário que eu entenda nessa abordagem que a vida humana é social e está sujeita a mudanças, a transformações, e é essencialmente histórica. “O método, portanto, é a própria alma do conteúdo [...]”, (LÊNIN apud MINAYO, 2000, p.65).



Vygotsky, em “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores”, falando sobre o método de pesquisa, nos indica três momentos: a) “análise do processo e não da coisa”; b) “análise que descobre o enlace e a relação dinâmico-causal real [...] - análise explicativa e não descritiva”; e c) “análise genética, que regressa ao ponto de partida e restabelece os processos de desenvolvimento [...]”. (VYGOTSKY, 1987, p.113).

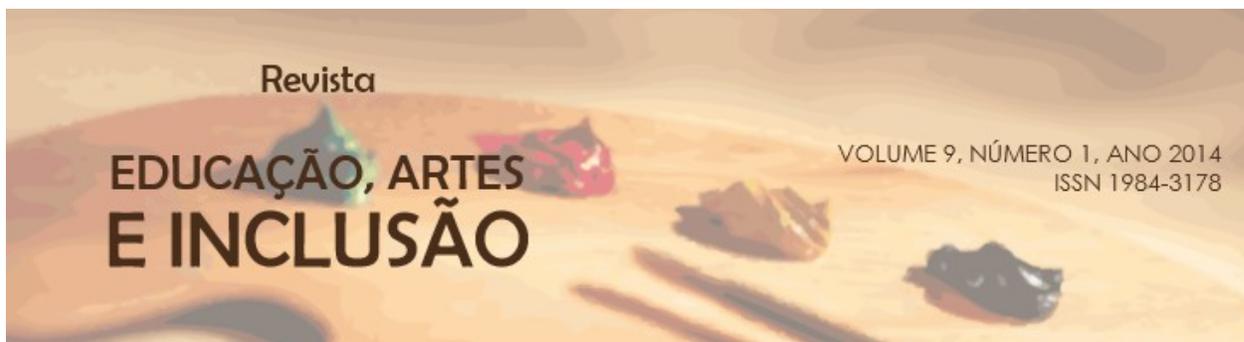
Diz ele:

Estudar alguma coisa historicamente quer dizer estudá-la em movimento. Esta é a exigência fundamental do método dialético. Abarcar na investigação o processo de desenvolvimento de alguma coisa. [...]. A investigação histórica da conduta não é um complemento ou um meio auxiliar para o estudo teórico, forma parte da base deste último. (VYGOTSKY, 1987, p.74).ⁱⁱⁱ

Nas análises dos episódios estão presentes descrições das condições de produção de sentidos nos encontros e nas nossas falas, bem como os processos, a dinâmica e as relações que, momento a momento, orientaram nosso olhar e a construção dos sentidos que fomos atribuindo às nossas ações e palavras.

ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

Conforme postula Bakhtin, o ato do diálogo é um evento social interativo que acontece dentro de uma unidade de espaço-tempo, portanto comunicação social manifestada rigorosamente pelo lugar onde se diz. O que aumenta ainda mais a complexidade de todo o sistema de signos, reforçando o conceito de polifonia e da relativização dos enunciados.

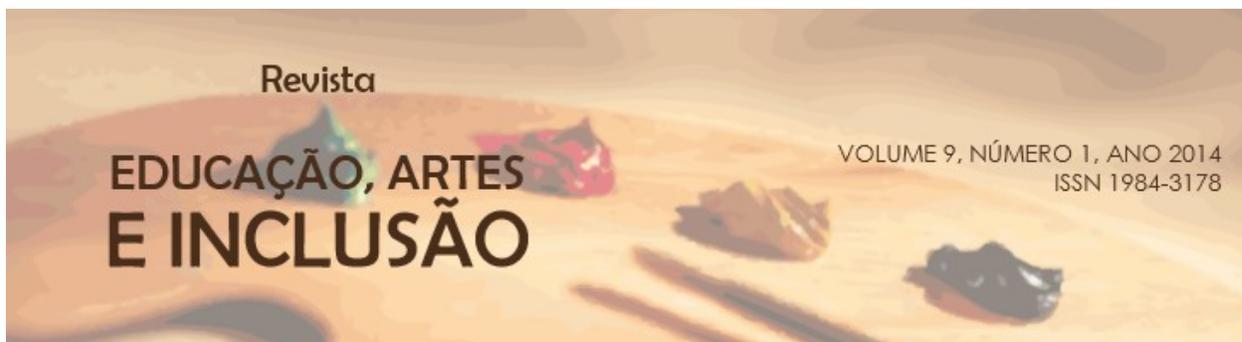


Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 2000 p. 302).

O que falávamos estava sendo dito em um espaço físico – uma sala de aula – sendo assim constituímos um espaço dialógico e, portanto, polissêmico e polifônico. “Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (BAKHTIN, 1992, p.66).

Nossas palavras estavam carregadas de tantas significações quanto nos possibilitava o contexto. Formamos uma comunidade discursiva – falávamos do espetáculo, de sua coreografia, do gênero musical, da hibridez dos estilos brasileiro e indiano da dança. Permeava nossas falas as percepções inusitadas e principalmente nossas aspirações, contradições, tristezas, alegrias, enfim, lembranças que suscitavam as experiências de vida.

Bakhtin diz, em diferentes momentos de seus escritos, que “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal”; as fronteiras dessa cadeia são as alternâncias dos sujeitos falantes no enunciado, permeado pelas vozes anteriores dos outros (elos anteriores). Nunca falamos pela primeira vez, o que dizemos já foi dito, controvertido, julgado – nessa arena “se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências” (BAKHTIN, 2000, p.319). Depois que dizemos, vêm as réplicas e outros discursos são produzidos. “Todo sentido festejará um dia seu renascimento” (BAKHTIN, 2000, p.414).



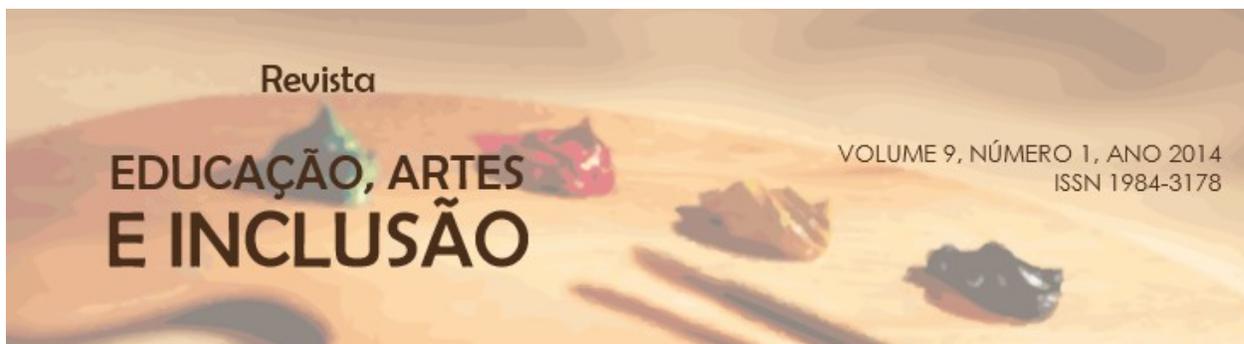
Para se compreender com plenitude os sentidos dados, primeiramente é necessário que se faça um breve perfil das condições concretas que estes adolescentes têm em relação ao acesso aos bens culturais.

Arandú é uma pequena cidade do interior paulista com cerca de seis mil habitantes. Os únicos lugares de convivência social são a praça pública, a escola e alguns poucos bares e lanchonetes. Portanto, lá não existe cinema, teatro, emissoras de comunicação, clubes ou qualquer outro espaço destinado à socialização. Desta forma, a escola é um dos poucos meios que os sujeitos desta pesquisa podem utilizar para efetivamente terem contato com bens culturais.

Estes alunos não conheciam um espetáculo de dança, assistiram apenas pequenas apresentações realizadas na própria escola. Nem sequer tinham ideia de como um espetáculo produzido acontece.

Conhecidas as condições concretas de vida destes alunos, o contexto social em que estão inseridos, é oportuno conhecer um pouco sobre o espetáculo objeto deste texto. É fonte de informação o folder do espetáculo publicado pelo SESC e divulgado pela internet:

O espetáculo questiona identidades, linguagens, gestos e como o indivíduo convive com tudo isso sem perceber as milhares de possibilidades de comunicação que tem a sua volta. É no cenário de ruínas de 2 mil anos que nascem estas indagações e respostas. Em alguns momentos este despertar acontece de um jeito poético. Em outros, de uma forma dura. As participações especiais temperam um espetáculo sem fronteiras, onde ritmos como o samba, choro, dança de rua e os clássicos acordes indianos convivem em harmonia. Foi percorrendo dezenas de ONGs - Ação Comunitária Tiradentes; Associação Novolhar; Projeto Samaritano São Francisco de Assis; Centro de Educação Popular de N. Sra Aparecida; Associação Sarambeque; Movimento de Promoção Humana Arrastão e Fundação Gol de Letra - de São Paulo, que Bertazzo descobriu seu elenco. Eram jovens que já tinham descoberto a dança, não num palco, mas nas ruas das comunidades



onde vivem. Já praticavam capoeira, seguiam a marcação dos ritmos afros – a maioria oriunda da dança de rua e do hip hop.

Durante meses de ensaios, não restritos apenas às coreografias mas com aulas de circo, de origami e de linguística, o elenco se afina para estrear. "Buscamos unir diferentes tipos de linguagens rumo a uma integridade que começa pelo corpo e se expande a cada detalhe do figurino, cenário e trilha musical. É na verdade uma profunda elaboração para atingir o refinamento desta linguagem e atingir a emoção estética", observa Bertazzo. (Boletim SESC- acesso em 6/01/2013)

São suas falas:

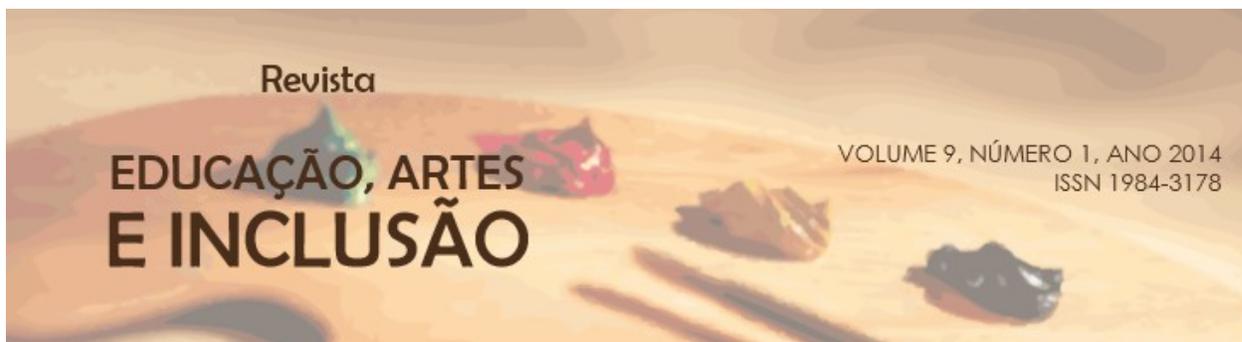
SÍLVIA^{iv} - *Percebi que as pessoas envolvidas no espetáculo ao todo, são pessoas comuns, ou seja são como nós; elas moram na periferia e são hiper humildes[...]*

KAUÊ - *Gostei muito da reportagem que a [...] (cita o nome da emissora de televisão) fez. Ali mostra pessoas carentes que poderiam estar no mundo das drogas preferindo estar no mundo da arte dançando... pessoas que sustentam a família através da arte e ajudando outras pessoas a entrar nesse mundo[...]* .

BÁBARA - *Quando vimos o espetáculo não sabíamos da vida dos dançarinos nem da história do grupo. Alguns dos dançarinos moram em favelas e viajam todos os dias [...]* (após longa pausa, conclui seu pensamento dizendo) *Quando você só vê a apresentação do grupo, não imagina [...]* (pausa breve) *a dificuldade que eles passaram para estar lá hoje.*

Bárbara, Kauê e Sílvia percebem a relação existente entre as pessoas do corpo de dança e sua realidade, são concernentes ao PCN^v de Arte quando nos diz:

Muitos trabalhos de arte expressam questões humanas fundamentais: falam de problemas sociais e políticos, de relações humanas, de sonhos, medos, perguntas e inquietações de artistas, documentam fatos históricos, manifestações culturais particulares e assim por diante. (...). A área de Arte contribui, portanto, para ampliar o



entendimento e a atuação dos alunos ante os problemas vitais que estão presentes na sociedade de nossos dias (1997, p.37).

GABRIELA - [...] *é ótimo aprender a dançar, a ler e falar melhor, eles saem de suas casas para fazerem o que gostam e ganham fazendo isto, eles são capazes* (referindo-se aos bailarinos e bailarinas) *de sair de uma periferia para aprender e trabalhar, são pessoas simples como nós que enfrentam muitas coisas [...]*

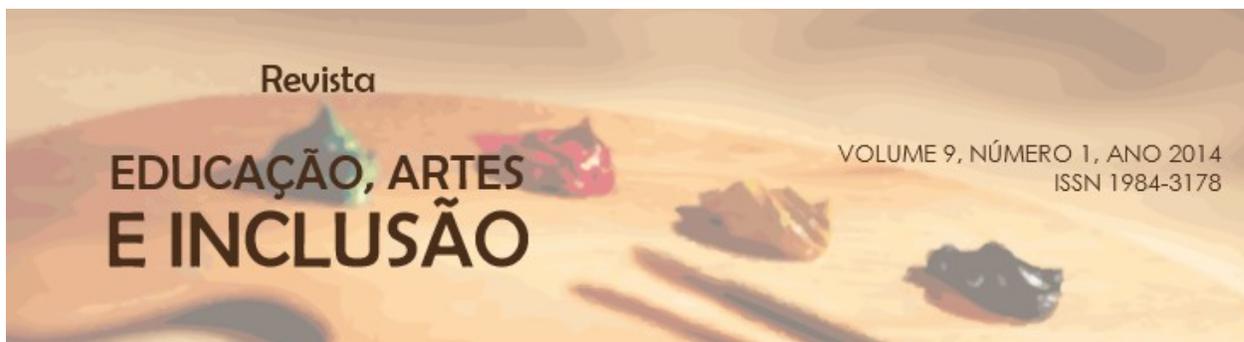
MÁRCIA - *Assistindo a reportagem da [...] (nome da emissora) vemos que este espetáculo além de ser muito interessante pela sua apresentação... (breve pausa) é também uma oportunidade de vida, pois dá a chance a jovens adolescentes como nós a ingressar no caminho da arte.*

CLÁUDIO - [...] *que essas pessoas tem uma vida simples, mas que para eles a dança é um começo de vida para o futuro [...].*

Ao se manifestarem, **Cláudio**, **Márcia** e **Gabriela** realçam a dimensão social das manifestações artísticas, apontando para o fato de que a Arte tanto revela os modos de atribuir valores às relações humanas como integram múltiplos sentidos à dimensão do real e do imaginário.

VILMA - *Há um envolvimento entre a música e a dança e os movimentos, e para realizar tudo isso é necessário muita dedicação. Muitos dos jovens receberam o primeiro salário através da dança. [...] (Pausa) a reportagem revelou também que eles não participam somente da aula de dança mas também de música, de português [...].*

SÔNIA - *O espetáculo de dança Samwaad envolve jovens que moram em favelas e que tem força de vontade [...] (continua sua fala após uma pausa que fez entreolhando os colegas)*



isso mostra que todos somos capazes de ser alguém, independente de onde vive, só basta ter muita força de vontade.

MARIA - *Começou como um projeto de levar dança até as comunidades carentes de São Paulo que com pouco tempo já se tornou um projeto grande.*

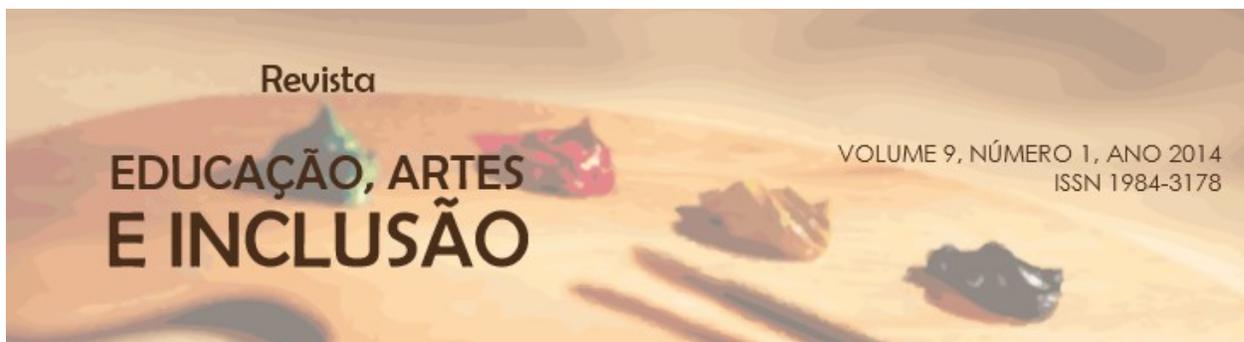
Maria, Vilma e Sônia deixam claro, embora com outras palavras, a clarificação dos mecanismos sociais e seu reconhecimento, conforme ensina Fischer:

(...) com evidência cada vez maior, a arte em sua origem foi magia, foi um auxílio mágico à dominação de um mundo real inexplorado. A religião, a ciência e a arte eram combinadas, fundidas, em uma forma primitiva de magia, na qual existiam em estado latente, em germe. Esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornaram opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social (FISCHER, 1987, p.19).

Nos turnos dialógicos posteriores cada um dos interlocutores redundam sobre as falas ditas anteriormente, contudo, cada um dos sujeitos falantes se expressa com características próprias.

VIVIAN - *Hoje pude” vê” como é a dura realidade de alguns jovens que “mora” na cidade “Tira Dentes” na periferia enfrentar a realidade, correr atrás de seus objetivos. Atravessar ponta a ponta até o seu destino final, enfrentar barreiras mais nunca desistir daquilo que sonha.*

MAITÊ - *É interessante ver a alegria de cada de estar em cima do palco e com uma grande plateia e principalmente mães e pais vendo a felicidade de seus filhos [...].*



MIRELA - [...] aprender a trabalhar em harmonia, também aprendem a trabalhar em comunhão, união, pois estão unidos em uma mesma dança, um mesmo passo [...].

MÁRCIA - Nunca havia assistido a um espetáculo assim, por isso me chamou muito a atenção.

FRANCISCA - O espetáculo Samwaad despertou um grande olhar sobre artes, ele desenvolve grande papel cultural [...].

MARY - A dança é uma arte que comove não só os dançarinos, mas todos que estão prestigiando sua apresentação.

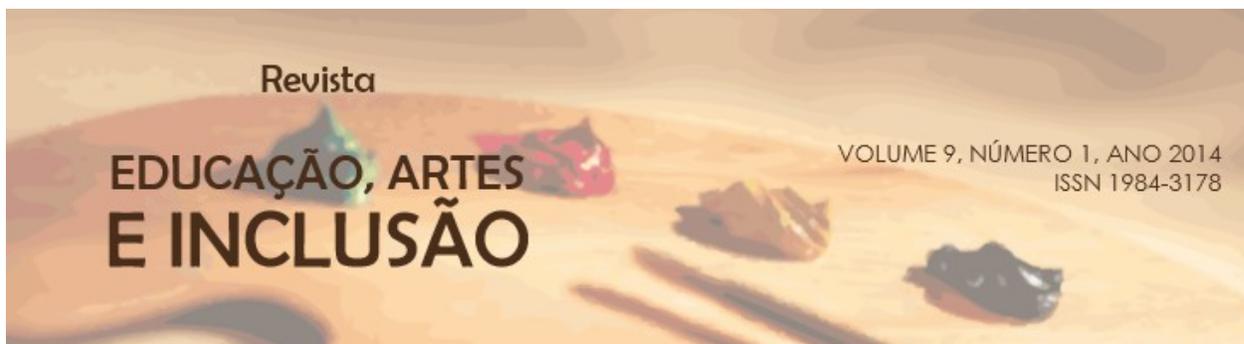
JÚLIA - Os jovens tem muita habilidade para a dança, eles tem muitos movimentos e dançam super bem. A parte que eu mais gostei foi a hora que eles ficam todos juntos parecendo uma cobra [...].

MAITÊ - O que mais me chama a atenção é a forma como tudo foi feito, a música, a dança, os objetos usados e trajes, bandeiras, chocalhos e instrumentos de capoeira.

ANNA - [...] também não é o dinheiro que os deixa motivados, mas sim sua força de vontade pelo gosto de fazer as danças.

Aqui apresentei como foram nossos encontros, ou melhor, as aulas, muitos outros pontos poderiam ser selecionados. Muitos outros sentidos poderiam ser elencados e aqui demonstrados, porém o tempo e o espaço acabaram por limitar-me aos aspectos que julguei como sendo os mais significativos. Conforme nos ensina Bakhtin quando diz:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. (BAKHTIN, 1992 p.31).



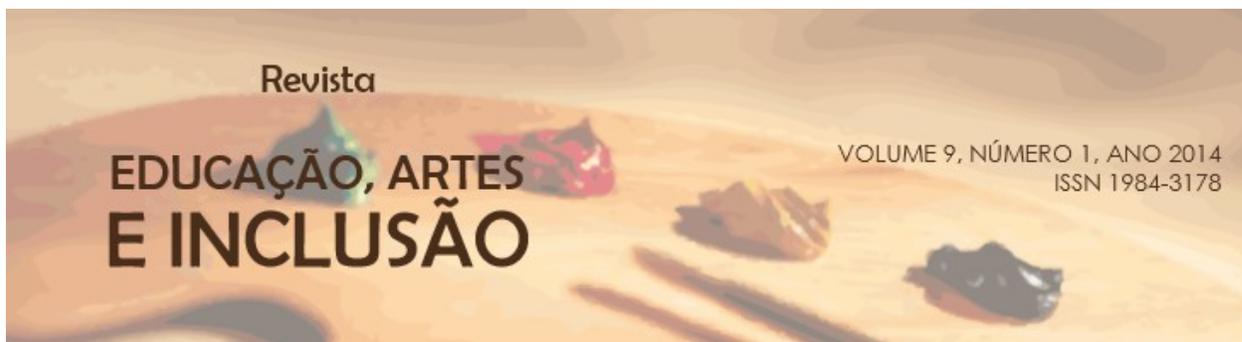
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha ferramenta de trabalho é a arte, com ela fundamento meus passos e deixo expresso e explícito minhas intenções em mudar a realidade das pessoas com quem trabalho. Procuro através da arte, ou seria melhor dizer da arte-educação, propiciar momentos de reflexão sobre nossa realidade e, sempre que possível, levar o aluno a tomar consciência desta e, principalmente, que sempre há possibilidade de mudá-la. Não se trata de um posicionamento populista e imparcial, é luta engajada, ideológica que postula a mudança do outro e minha própria mudança.

As falas dos alunos deixam explicitadas suas percepções, embora não de forma clara e assumida, de reversão de sua realidade; tomam consciência de suas vidas e da vida de outros.

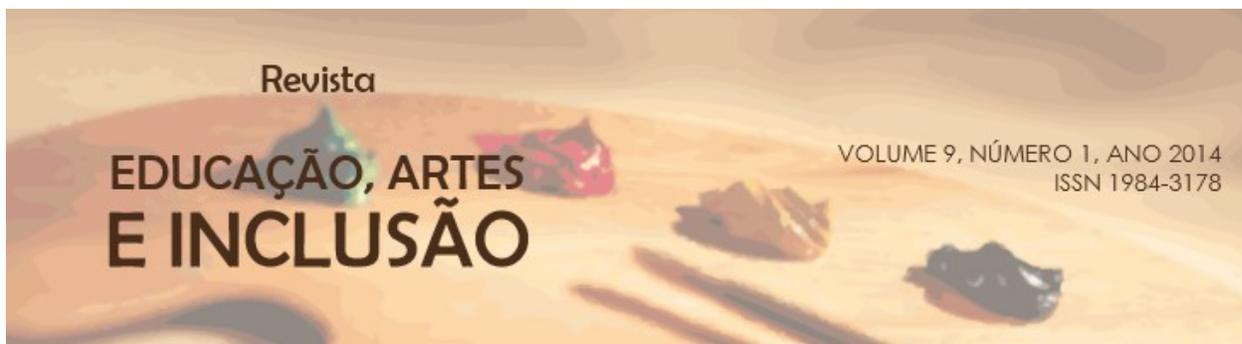
Pretendi demonstrar com este trabalho que situações normais de sala de aula podem passar despercebidas, em se tratando de sua riqueza de aprendizagem, se não forem consideradas e estudadas de forma sistemática.

Sendo assim, permeou este estudo as relações existentes entre a fundamentação teórica pela qual optei, os saberes empíricos e os construídos pelos alunos sobre a Arte, a Vida e principalmente a maneira como fomos atribuindo sentido no que diz respeito ao papel clareador da arte sobre a realidade e as possíveis formas de entendimento e atuação dos alunos ante os problemas vitais que estão presentes na sociedade de nossos dias.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M.. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: São Paulo. Martins Fontes, 2000.
- BUENO, Roberta Puccetti Polizio. **A Arte na Diferença: Um estudo da relação arte/conhecimento do deficiente mental**. Tese de doutorado Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2002. 217 p.
- CORTELLA, M. S. **A Escola e o Conhecimento - fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez, 1998.
- FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U.,1986.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: ABRASCO/Hucitec, 2000.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental de Artes**. Brasília, 1997.
- PINO, A. “O social e o cultural na obra de L.S. Vigotski”. In: **Educação & Sociedade** - Temas sobre a constituição cultural do homem. Edição especial, n. 71, ano XXI, Julho de 2000, Campinas: Cedes, 2001, (pp. 45-78).
- VYGOTSKY, L.S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Obras Escogidas** Vol. III. Madri: Visor, 1995.



_____. , 1987.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Boletim SESC**. Disponível em:

<http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/subindex.cfm?Paramend=1&IDCategoria=3085> (acesso em 06/01/2013).

i

Rede de formação docente pertencente a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

ii

Diretorias de ensino.

iii

Tradução minha.

iv

Na intenção de garantir o anonimato dos sujeitos, seus nomes foram trocados por nomes fictícios com o cuidado para que nenhum deles fosse semelhante com alunos desta sala de aula, conforme determinam as regras de pesquisa com seres humanos.

v

Parâmetros Curriculares Nacionais.